

A EXPERIÊNCIA DO TAMBOR DE CRIOLA FILHOS DE MÃE MARIA DEVOTOS DE SÃO BENEDITO NO CENTRO POP

Ana Jessika de Medeiros ¹
Alexandre Santiago da Costa ²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar a experiência do tambor de crioula, desenvolvida pelo grupo “Filhos de Mãe Maria Devotos de São Benedito”, no Centro de Referência especializado para a população em situação de rua – CENTRO POP, um equipamento público localizado na cidade de Fortaleza – CE. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, onde, a partir de observações participante, registro em diário de campo e entrevistas realizadas com os participantes, constatou-se a necessidade de refletir sobre o caráter pedagógico e transformador dessa brincadeira tradicional popular, de origem afro-brasileira, que é o tambor de crioula, na vida das pessoas em situação de rua. Para isso, utilizou-se como principal referencial teórico os estudos de Rufino (1987) em que compreende a educação como um fenômeno complexo político, ético, estético e poético de ser e praticar o mundo, reivindicando uma pedagogia de encantamento e enfreitamento das violências operadas pelo racismo e colonialismo, Paulo Freire na perspectiva da importância dos saberes populares e culturais da educação popular e os dados da pesquisa do Instituto Compartilha sobre os comportamentos, costumes e acesso aos serviços de público da população em situação de rua da cidade de Fortaleza (2021). Observou-se, nas vivências, que o tambor para os participantes emergia como um elemento transformador em seus cotidianos, conferindo-lhes práticas sociais de coletividade, responsabilidade, criatividade, sensibilidade, empatia e autoestima, ajudando-os a manter uma rotina mais saudável, a se conectar com sua espiritualidade, a ter propósitos de vida e almejar a realização de projetos futuros. Além disso, notou-se o poder pedagógico da arte e da cultura no processo educativo, onde foi possível observar a curiosidade, o interesse e as aprendizagens construídas nas conversas entorno da fogueira enquanto afinavam-se os tambores, onde dialogava-se sobre raça, gênero, religião e musicalidade, construindo saberes entre os pares.

Palavras-chave: Tambor de crioula, Pedagogia, Pessoas em situação de rua.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada nas oficinas de tambor de crioula mediadas por brincantes do grupo “Filhos de Mãe Maria Devotos de São Benedito” realizadas no Centro de Referência para as pessoas em situação de rua – CENTRO POP, um equipamento público localizado no centro, na cidade de

¹ Especialista em Gestão Pedagógica na Escola Básica pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, Professora da Rede Pública Municipal de Fortaleza, anajessikamedeiros@gmail.com;

² Professor orientador: Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - UFC, Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, Professor Adjunto da Faculdade de Educação - UFC, santiagoalexandre@yahoo.com.br.

Fortaleza/CE, dando destaque ao caráter pedagógico e transformador dessa brincadeira da cultura popular – a fim de lançar reflexões sobre o papel da arte e da cultura na educação brasileira.

A partir de um olhar atento e sensível, como uma das facilitadora do projeto, comecei a observar o grande potencial pedagógico dessa brincadeira popular tradicional na história de vida das pessoas em situação de rua que transitavam pelo espaço e participavam das oficinas, despertando nelas curiosidade, envolvimento e entrega que geraram um movimento de coletividade, responsabilidade, inclusão e aprendizagem entre os/as brincantes.

O tambor de crioula se insere em uma perspectiva de educação decolonizante e contra colonial pois se contrapõe às dimensões educativas opressoras e colonizantes de culturas que por séculos se impõem a partir do poder econômico, cultural e estético. As manifestações populares e de tradição indígena ou africana que se apresentam como resgate da ancestralidade e afetividade que comungam também com uma pedagogia da resistência e da construção de práticas educativas tem muito a contribuir com a proposição de se pensar novas pedagogias.

O caldeirão de elementos semióticos advindos da estética e estesia da cultura popular tradicional tem na dança, na música, na dramaticidade, na cosmovisão de uma sociedade ligada pelo afeto e pela espiritualidade a negação de ser peça na engrenagem do consumo e da esterilidade cultural que domestica corpos para o mundo do trabalho, para a competitividade e para a meritocracia. A cultura do brincante não é subserviente, é subversiva, é atravessadora de corpos não docilizados, como diria Michel Foucault, um corpo indomável, que brinca e joga com a alegria, mas também com a crítica da sua cultura, da sua realidade de vida. É uma educação libertadora como fala Freire (1976) onde propõe como prática de emancipação humana uma ação cultural crítica e dialógica.

Pode-se ver o tambor de crioula como uma ação cultural popular que “desmecaniza” o corpo, como diria Augusto Boal no seu teatro do oprimido, ressignificando a arte como uma “arte marcial” na luta por uma sociedade mais justa e equitativa. O corpo do brincante do tambor de crioula é livre, alegre e criativo, então podemos relacioná-lo com o pensamento emancipado e livre. Alinhando Paulo Freire e Augusto Boal para analisar o jogo formativo e estético do tambor de crioula percebemos a potência da cultura popular forjada nas lutas por sobrevivência e existência em um mundo que domestica corpos e oprime o riso, a alegria e a ancestralidade.

O tambor de crioula, tombado como patrimônio cultural imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2007, é uma manifestação cultural popular de matriz afro-brasileira preservada pelos descendentes quilombolas que mantiveram viva suas tradições, elementos e rituais trazidos pelos povos africanos. Por ter sua transmissão essencialmente pela oralidade, sofreu modificações ao longo do tempo, tendo variações de suas expressões nas diferentes regiões em que a brincadeira ocorre, sendo, ainda hoje, muito rica e diversa no estado do Maranhão.

No Ceará, existem três grupos de Tambor de Crioula, dentre eles o grupo “Filhos de Mãe Maria Devotos de São Benedito”, com sede em Caucaia, que vem resgatando, valorizando e difundindo essa brincadeira há mais de 15 anos no estado. O grupo desenvolveu essas vivências no Centro POP buscando promover diálogos que resgatassem os fundamentos e as tradições populares do tambor de crioula atrelado à sua ancestralidade e espiritualidade, possibilitando às pessoas em situação de rua que participaram do projeto uma forma de (re) conhecimento, identificação e empoderamento da sua história de vida e do seu papel na comunidade.

Entende-se por pessoas em situação de rua um

grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009).

Segundo a pesquisa “Comportamentos, Costumes e Acesso aos Serviços Públicos da População em Situação de Rua em Fortaleza” realizada pelo Instituto Compartilha, essas pessoas tem idade, gênero e cor. A discriminação, preconceito, intolerância e invisibilidade histórica, social, econômica e educacional imposta culturalmente à essas pessoas – predominantemente homens (73,7%), negros (86,8%), na fase adulta com faixa etária entre 30 a 45 anos (55,7%) e com ensino fundamental incompleto (54,9%), é fruto do imaginário social influenciado há séculos por uma visão eurocêntrica, cristã e escravocrata que cria estereótipos, marginaliza a população negra, produz violências e desigualdades, promove o silenciamento e apagamento da sua história e identidade, reverberando na arte e na cultura, tão influente e diversa no nosso país (BRANDÃO, 2021).

Os dados educacionais declarados na pesquisa com as pessoas em situação de rua de Fortaleza, em que apenas 12,1% possuem ensino fundamental completo, 11% finalizaram o ensino médio e 6,6% são analfabetos, reforçam as reflexões lançadas por Luckesi (2018) sobre a exclusão social via escola. Ele questiona o papel da educação, da instituição escolar e do (a) educador (a) no processo de democratização social diante dos dados do Censo da Educação (Inep, 2016) em que revelam a redução do número de escolas e de matrículas à medida em que se avança nos níveis de escolaridade, sendo visível essa discrepância na passagem do ensino fundamental das séries iniciais para as séries finais e desta para o ensino médio.

Diante desses dados estatísticos o autor traz reflexões sobre a escola ter “se somado, através da exclusão escolar, ao processo de exclusão social, própria da sociedade burguesa, nascida no alvorecer da modernidade” e reafirma o poder indireto da educação em modificar a vida das pessoas e das relações sociais diante da sua capacidade de formar sujeitos capazes de buscar e exercitar seus direitos na vida individual e coletiva (LUCKESI, 2018, p.125).

Nesse sentido, é preciso buscar novas formas de educação, novas pedagogias, que deem conta de incluir a diversidade de seres, saberes e conhecimentos inscritos na comunidade, uma pedagogia que credibilize diferentes formas de saberes. Para Rufino (2019, p 12) conhecimento é poder e “a problemática do conhecimento é fundamentalmente étnico-racial”.

Nesse contexto, o autor critica o modelo único de racionalidade ocidental, problematiza a educação que ainda hoje é regida pela lógica dominante de um sistema capitalista, cristão, patriarcal, colonial e europeu que (re) produz diversas formas de violências impondo formas únicas do ser e saber no mundo para reivindicar uma nova pedagogia como possibilidade de novas formas de existência, que legitime e valorize outros conhecimentos, como a sapiência de vida, sabedorias ancestrais, outras gramáticas e o saber corporal.

A pedagogia como a reivindico compreende-se como um complexo de experiências, práticas, invenções e movimentos que enredam presenças e conhecimentos múltiplos, e se debruça sobre a problemática humana e suas formas de interação com o meio. É nessa perspectiva que a educação, fenômeno humano implicado entre vida, arte e conhecimento, torna-se uma problemática pedagógica (RUFINO, 2019, p. 274).

E é nessa perspectiva que vamos refletir a manifestação do tambor de crioula como possibilidade pedagógica que combate a validação de um saber único, colonizado, regulador e disciplinador de corpos para valorizar saberes cotidianos, outras linguagens, outras formas do ser/estar no mundo, potencializando e reinventando novas formas de existência. Vamos refletir a produção de saberes de sujeitos que tem a rua como local de moradia, mesmo que temporária, suas construções e formas de ser e de se reinventar.

Eis as ruas, suas esquinas e encruzilhadas: por lá inventam-se os cotidianos [...] a rua abriga uma diversidade de tipos, assim como um amplo repertório de práticas, modos de fazer. O lugar que se abre e onde se cruzam os poderes que reinventam a vida enquanto possibilidade (RUFINO, 2019, p. 108).

Sob essa ótica da rua enquanto lugar de construção de uma diversidade de ciências, saberes cotidianos, corporais, ancestrais, conhecimento de mundo e da educação numa perspectiva enquanto prática social libertadora, emancipatória e decolonial, amparada nos princípios de Freire e Nogueira (1993) e Rufino (2019), refletiremos o potencial pedagógico da manifestação do tambor de crioula na vida das pessoas em situação de rua que participaram das oficinas ofertadas no Centro POP.

METODOLOGIA

A pesquisa teve abordagem qualitativa, e como procedimento metodológico a observação participante nas oficinas, utilizando-se como método, entrevistas semiestruturadas com três participantes. O critério para escolha dos sujeitos entrevistados deu-se pelo maior número de frequência nas vivências e disponibilidade para o diálogo. Além disso, usou-se o diário de campo para registro das anotações das observações durante as oficinas e um roteiro com elaboração prévia para as entrevistas.

O projeto foi desenvolvido com as pessoas em situação de rua que utilizam os serviços do Centro de Referência especializado para a população em situação de rua – CENTRO POP, localizado no centro da cidade de Fortaleza, um equipamento que oferta alimentação, cuidados básicos de higiene, orientação e apoio para obtenção de documentos, oficinas e atividades de convívio e socialização, bem como encaminhamentos para a rede de serviços socioassistenciais e para rede de saúde às pessoas que são dependentes de substância psicoativas.

As oficinas ocorreram semanalmente durante os meses de janeiro, fevereiro e março, sendo realizadas uma vez por semana com duração de 2h/aula cada, contando com

a mediação de três brincantes do grupo de tambor de crioula “Filhos de Mãe Maria Devotos de São Benedito” e a participação média de 10 usuários do equipamento CENTRO POP.

Apesar do alto nível de transitoriedade das pessoas que frequentam o espaço, o grupo conseguiu manter o acesso e permanência ininterrupta de pelo menos cinco pessoas até o final das vivências, sendo o restante, sujeitos que procuravam atendimento no equipamento e acabavam participando das oficinas por curiosidade, familiaridade e encantamento pelos tambores e pela dança, mantendo uma participação inconstante.

SUJEITOS DA PESQUISA

No decorrer do projeto foi possível observar que, o perfil dos participantes permaneceram os mesmos dos dados coletados na pesquisa do Instituto Compartilha, em 2021, sendo o público participante das oficinas predominantemente de homens, negros e/ou pardos, a maioria com faixa etária entre 30 a 45 anos. Houve a participação inconstante de apenas três mulheres que usufruíam dos serviços do equipamento ao longo do projeto e decidiram participar por curiosidade.

Notou-se, também, a semelhança nos dados no que diz respeito ao trabalho e renda – em que, na pesquisa, 93,4% afirmaram possuir uma profissão e 71,1% estarem exercendo alguma profissão, apontando para a possibilidade de uma grande parte desses trabalhos serem informais, como catadores de materiais recicláveis e aos aspectos educacionais – onde apesar de 90,1% não frequentarem a escola, 62,6% desejam voltar a estudar. Para preservar a identidade dos entrevistados adotou-se os codinomes Jorge, André e Rafael para as discussões que seguem no decorrer do trabalho.

A maior parte do perfil dos participantes em diálogos informais, bem como dos três entrevistados se encaixam nos resultados dessa pesquisa como podem ser observados a seguir: Jorge, 35 anos, possui ensino fundamental incompleto, estudou até a 5^o série, é negro e está em situação de rua há quatro anos por conta da dependência à substâncias psicoativas. Ele afirma ter pausado os estudos para ajudar financeiramente a mãe após o adoecimento do pai; André, 25 anos, possui ensino fundamental incompleto, estudou até a 3^o série, é negro e está em situação de rua desde os 11 anos de idade também por conta da dependência química; Rafael, 31 anos, negro, possui ensino fundamental incompleto, estudou até a 5^o série por conta da mudança de moradia do interior para a capital, está em situação de rua há dois meses, pela terceira vez.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos registros midiáticos, de anotações no diário de campo e análise de discurso dos entrevistados, foi possível elencar as seguintes categorias de saberes proporcionadas pelas oficinas de tambor de crioula durante os três meses: religião de matriz afro-brasileira, espiritualidade, ancestralidade, raça, arte, cultura, educação e habilidades sócioemocionais.

É importante ressaltar que a categorização foi necessária para melhor compreensão e organização dos resultados, mas a construção desses saberes não foram estruturados linearmente e não seguiram uma lógica metodológica, eles foram surgindo e se construindo entre os pares em diferentes momentos a partir de suas curiosidades, vivências e discursos, sendo ampliadas em diálogos abertos que tentavam fugir do senso comum, que instigavam novos pensamentos e saberes.

Um dos primeiros pontos observados foi de que todos os participantes afirmaram a vontade de retomar os estudos formais, tendo como principais impedimentos para a realização desses desejos o uso de substâncias psicoativas, as vagas disponíveis para matrícula na Educação de Jovens e Adultos – EJA e o horário, por ser no turno da noite – período em que é mais difícil, segundo André, manter-se sóbrio, consciente e bem. Além disso, há um limite de horário em que podem ingressar nos equipamentos públicos que ofertam dormitório e café da manhã.

No entanto, apesar dos três apontarem diversas dificuldades para voltarem a frequentar a instituição escolar formal, eles conseguiram manter regularidade nas oficinas de tambor de crioula no Centro POP que ocorriam todas as terças-feiras, às 9h da manhã durante aproximadamente três meses. No dia da entrevista André afirma “era pra mim tá na caixa econômica pra receber meu auxílio mas primeiro eu vir pra cá pra depois ir pra lá”; Jorge diz que a ida às oficinas “não é pela questão do almoço, porque almoço tem em todo canto, você almoça ali no galpão, tem o mesão, é porque comecei a gostar, entendeu?!”; e Rafael expressa sua emoção com o que vivenciou, fazendo-o manter uma presença constante nas vivências.

Nenhum dos três entrevistados conheciam a manifestação cultural do tambor de crioula, mas todos asseguram o atravessamento que o toque dos tambores causou neles, despertando diversas emoções e aprendizagens, muitas vezes, fugindo a lógica das palavras, eles tentavam relatar o que sentiram e explicar o motivo do encantamento e da força motriz que os arrebatavam para aquele espaço-tempo, apesar das adversidades.

Nesse sentido, a perspectiva epistemológica defendida na Pedagogia das encruzilhadas por Rufino (2019, p 59) nos ajuda nessa compreensão que a racionalidade ocidental e colonial deslegitima como produção de saberes e como ciência, que é o corpo como produtor de discursos verbais e não-verbais que carregam “inteligibilidades próprias de um amplo complexo de saberes que se codificam e se expressam” a partir do conceito de incorporação – princípios e potências de saberes que são experienciados, codificados e expressos pelo corpo, mostrando a diversidade de processos educativos possíveis na educação.

Para o autor,

Tudo que é textualizado nas mais amplas possibilidades de linguagens parte de uma experiência de saber que transita pelo corpo [...] objetificado, violentado de inúmeros modos e vitimado por uma forte regulação e vigilância que impediu o recurso das falas negras em suas formas maternas e impôs a adesão de outra língua sob a prática da conversão/catequese, o corpo transgrediu a regra, potencializando formas de criação a partir das linguagens não verbais. O que não podia ser dito de um jeito foi dito de outro, e o que era negado pela política vigente foi autorizado sob a perspectiva da negação (RUFINO, 2019, p. 59).

Sob essa perspectiva é possível compreender como o tambor de crioula afeta os participantes, conseguindo modificar pensamentos e ações e possibilitando diversas aprendizagens de modos de ser, agir e estar no mundo, dando credibilidade a outras práticas educativas, a saberes populares, a experiências corpóreas individuais e coletivas.

Freire e Nogueira (1993) também acredita nessas outras possibilidades de construção de conhecimento, de outras linguagens. Para ele, o conhecimento se dá pela por via do corpo onde se circunscreve a prática do saber, há sapiência corporal em atos, ações e códigos cotidianos, em outras linguagens, como a oralidade tão tradicional na cultura popular, nas narrativas de vida que exercitam memórias, ancestralidades, ciências de vida mobilizadas e organizadas que constituem aprendizagens, é o que ele chama de conhecimento de mundo: relação entre experiência e conhecimento.

Os autores nos trazem essa visão pedagógica da arte e da cultura, do conhecimento de mundo, do que é vivenciado e narrado. Para eles,

a mão humana é tremendamente cultural. Ela é fazedora, ela é sensibilidade, ele é visibilidade; a mão faz proposta, a mão idealiza, a mão pensa e ajeita. E eu faço ênfase nesses movimentos pelos os quais o corpo humano vira corpo consciente. O corpo se transforma em corpo percebido. E ele descreve, ele anota que, em sua transformação, a vida social está mudando também. O corpo age e, durante suas atitudes, ele desaninha de si e de suas relações sobre o conhecimento sobre a vida. Uma das facilidades que a gente aprende aí é essa multiplicidade de códigos e linguagens. O corpo expressa suas descobertas,

esse corpo se agrupa em um grupo e se expõe em movimentos sociais (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p. 34-35)

Nessa perspectiva da pluriversalização de modos de conhecer, ser, poder e saber, notou-se o caráter pedagógico do tambor de crioula em diversos momentos, entre eles, a maioria ocorria no início da mesma, na fogueira e no entorno dela, enquanto afinavam-se os tambores.

As pessoas que transitavam no espaço para usufruir dos serviços ofertados, iam se aproximando curiosos e encantados, ora emitindo opiniões preconceituosas pré-estabelecidas culturalmente ligando os tambores à “macumba”, ao terreiro e subalternizando as religiões de matriz afro-brasileira, ora se familiarizando, indagando e contando suas histórias de vida e experiências com a religião, a sua espiritualidade e suas aproximações com o batuque e musicalização.

No final todos ali presentes acabavam participando e relatando a emoção e o sentimento que sentiram ao tocar os tambores. Veja como “as pessoas apreendem a prática como uma curiosidade dos corpos [...] corpo percebido”, quando a prática, as ações, o ato corpóreo é tomado pela curiosidade vai tomando outras possibilidades de sabedorias (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p. 40).

Esses sentimentos relatados pelos entrevistados ao tocarem, muitas vezes como inexplicáveis, podem ser melhor elaborados com a percepção de Rufino (2019, p. 156) de que o tambor tem vida, é corpo de planta e de bicho (re) encantados, sabem comer e falar, “é corpo multitemporal e plurilinguista. O tambor é o corpo ancestral, comunitário, brincante e divino, a tecnologia que resguarda memórias”.

Quando Rafael ressalta que sente muita emoção ao tocar e isso o faz querer tocar ainda mais (expressando vontade de chorar durante o relato) e Jorge destaca que o interesse e motivação em participar das oficinas surgiu da batida diferente do tambor, que o fez gostar e continuar nos remete à essa epistemologia da sapiência do corpo, dos saberes ancestrais, o que nos permitiu dialogar sobre espiritualidade e religião, sobre a diversidade cultural e a necessidade de romper padrões únicos de enxergar o mundo como válidos e corretos, como esse preconceito com as religiões de matriz afro-brasileira reverbera violências e desigualdades e se sustenta nos conhecimentos científicos validados pelo ocidente que repudia os saberes populares do povo negro, indígena e da classe popular.

Outro ponto observado é que nenhum dos participantes ousou dançar, a maioria, por ser do sexo masculino, demonstravam receio por ser sócio-culturalmente

inapropriado o uso da indumentária (a saia) ou mesmo o fato do movimento do corpo e da umbigada e, as poucas mulheres que participaram, apresentaram muita vergonha do não saber e da exposição. Esses fundamentos da dança, do indumentário e da expressão da umbigada – “ritual de troca de energia, devido ao significado de que é a partir do umbigo que se transfere a alimentação antes do nascimento”, também foram um importante objeto de discussões entre os participantes e os brincantes do grupo que possibilitaram diálogos e reflexões sobre gênero e os estereótipos criados na sociedade para disciplinar, violentar, controlar e dicotomizar corpos, principalmente femininos, às regras do sistema capitalista, patriarcal e cristã, emergindo novas visões de mundo (ANTÔNIO, 2007 apud PIRES, 2019, p. 36).

Segundo o relato dos entrevistados e registro de depoimentos no final das vivências, o tambor de crioula auxiliou-os no desenvolvimento de competências sócio-emocionais e relacionais, possibilitou o exercício da cidadania, apresentou-se como espaço de acolhimento, de partilha, de respeito às identidades, às diferentes formas de pensar e agir, proporcionou-lhes uma possibilidade de (re) integração nas relações sociais, aumentou a autoestima e promoveu novos motivos para sonhar, para se interessar, novas sabedorias, novas existências.

Isso é possível ser observado, quando Rafael relata que aprendeu “a pessoa a ser mais unida, apegada e a pessoa arrumar mais amigas como mais emoção dentro de você, até quando você tá tocando”, André diz que aprendeu “a ouvir, a prestar atenção, tá entendendo, quando o professor ensina como faz as coisas, né?! E aprendi a ter compromisso também porque tô aqui toda terça” e Jorge relata “aprendi muita coisa, aprendi até a tocar (sorrir)”.

Além disso, os três entrevistados afirmam o interesse, a emoção, a curiosidade e a motivação que a manifestação do tambor de crioula mobilizou neles, fazendo-nos refletir o quanto a arte e a cultura seriam motivadores para o retorno aos estudos:

“Tudo que é novidade pra mim, me interessa [...] a batida diferente do tambor é diferente de tudo que já vi, me interessou, comecei a gostar”. (JORGE)

“Na escola era bom que tanto eu ia participar da arte e da cultura como eu ia ter os estudos” (ANDRÉ).

“Distraía mais a mente da galera, né, tipo, mudava o pensamento negativo pro positivo, ali ele se interessava em mais cultura e não em muitas coisas que muitos fazem ilegais e é uma forma da gente aprender mais ainda” (RAFAEL).

Percebeu-se como a arte a cultura tem caráter pedagógico e atuam como grandes mobilizadores de saberes, construídos nas experiências de vida, individuais e coletivas, presentes e ancestrais, orais e práticas, conhecimentos que também precisam ser validados como ciência, como sabedorias que compreendem formas de ser, existir e poder no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de desenvolver oficinas de tambor de crioula no Centro de Referência para as Pessoas em Situação de Rua – Centro POP, possibilitou a reflexão de como a arte e a cultura podem e são elementos pedagógicos potencializadoras de novas pedagogias, como a proposta por Rufino: a pedagogia das encruzilhadas e de Freire: a educação popular, utilizados para todas as análises apresentadas ao longo deste trabalho.

Torna-se cada vez mais urgente pensar em novas formas de garantir a inclusão de todos os sujeitos na sociedade, independente de raça, classe, cor, religião, etc, e acredita-se que englobar o universo cultural desses sujeitos seja uma prática potencial, rica e diversa de democratizar o acesso e a produção do conhecimento.

Como afirmam os autores trabalhados como referências teóricas neste artigo, o conhecimento é poder, quem detém essa ferramenta e o impõe como único e de forma unilateral, deslegitima e violenta todas as outras formas de saberes de existência, todas as outras formas de manifestação de vida. Se o ditado popular diz que a vida imita a arte e a arte imita a vida, incluiremos nesse dueto a cultura como possibilidades de exercício de vida, de saberes-fazer diversos.

Em defesa da vida e de sua diversidade, refletiremos a educação enquanto prática política com ética, responsabilidade, afeto e inclusão das inúmeras formas de ser, (re) pensando e (re) inventando o mundo.

AGRADECIMENTOS

Assim como foi defendido ao longo do trabalho que o conhecimento não é único, ele é múltiplo e construído de diversas formas, que não apenas o técnico e científico validado pela racionalidade ocidental, acredita-se também que ele é produzido por muitas mãos.

As reflexões aqui lançadas são frutos de um percurso longo de vivências e de muitos encontros que nos permitiram (re) lançar nosso olhar, (re) inscrever nossa história. E é nesse perspectiva que sou grata aos professores Rui Aguiar – que ao me presentear com o livro de Rufino permitiu que eu entendesse minhas inquietações com o que estava experienciando naquele espaço-tempo; Alexandre Santiago e a professora Bernadete Porto por ampliarem minha visão de mundo, de possibilidades de educação, de expressão da afetividade comigo mesma, com as pessoas e com o mundo.

Também não poderia deixar de registrar minha gratidão ao grupo de tambor de crioula “Filhos de Mãe Maria Devotos de São Benedito” pela existência e resistência, por preservar e difundir essa brincadeira tradicional popular tão necessária para uma reflexão prática ética, política e estética. Sou grata pelo acolhimento e pertencimento ao grupo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2009. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm> Acesso em: 06 ago. 2024.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**, Exu como educação. Revista Exitus, Santarém/PA, vol. 9, n° 4, p. 262-289, Out/Dez 2019.

BRANDÃO, Luciana Camila dos Santos. **Pesquisa sobre comportamentos, costumes e acesso aos serviços de público da população em situação de rua em Fortaleza**. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer** Teoria e Prática em Educação Popular. Editora Vozes: Petrópolis, 1993. 4° Edição.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. Editora Paz e terra, Rio de Janeiro, 1976.